

humanitas

Vol. LXI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

Vol. LXI



A EXALTAÇÃO DA GESTA PAULINA NA *HISTORIA APOSTOLICA* DE ARÁTOR

JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES MANSO

Universidade da Beira Interior
hrmanso@hotmail.com

Resumo

No séc. VI, o poeta latino Arátor escreveu, baseada nos *Actos* de Lucas, a epopeia bíblica *Historia apostolica*, cujo segundo livro exalta a gesta apostólica de S. Paulo. O autor recorre a diversos processos – aqui apontados, analisados e ilustrados – que visam engrandecer o herói cristão.

Palavras-Chave: Arátor, *Historia apostolica*, S. Paulo, Epopeia, S. Lucas, *Actos dos apóstolos*.

Abstract

In the VIth century, the latin poet Arator wrote, based on Luke's *Acts*, the biblical epic *Historia apostolica*, which second book exalts the Paul's apostolic acts. The author uses several processes – here appointed, analysed and illustrated – which main scope is magnifying the christian hero.

Keywords: Arator, *Historia apostolica*, St. Paul, Epic, St. Luke, *Acts of the apostles*.

Celebrou a Igreja Católica em 2008/2009 o Ano Paulino, relembrando a importância daquele que, apesar de não pertencer ao núcleo dos doze apóstolos do Cenáculo, viria a ficar conhecido como “o Apóstolo” e a partilhar com S. Pedro a honra de figura cimeira da Igreja. Na verdade, após o relato dos feitos de Cristo pelos quatro evangelistas, o cânone faz seguir os *Actos dos apóstolos*, de S. Lucas, livro que, na verdade, se centra

fundamentalmente nos feitos de Pedro, o conversor dos judeus, e de Paulo, o evangelizador dos gentios. Se os aspectos doutrinários nos foram legados através da sua fascinante epistolografia, o percurso vivencial de Paulo, a começar pela sua famosíssima conversão a caminho de Damasco (tão rápida e marcante quanto a de Maria Madalena nos *Evangelhos*), é pormenorizadamente relatado nos *Actos* de Lucas. A importância desta figura reside sobretudo no impulso dado à expansão do Cristianismo fora da Palestina e à sua demarcação face ao Judaísmo, universalizando a possibilidade de salvação fora do povo eleito. Ora, é nesta perspectiva que S. Paulo é frequentemente focado na epopeia de Arátor, intitulada *Historia apostolica (HA)*¹. Utilizamos aqui, conscientemente, o termo ‘epopeia’, na medida em que há, desde logo, uma exaltação dos protagonistas desta narrativa, em moldes muito semelhantes às epopeias clássicas – mas a este ponto voltaremos mais adiante.

Nascido em finais do século V na Ligúria, Arátor foi educado em Milão, sendo seu preceptor o ilustre Enódio, que por diversas vezes o refere nas *Dictiones* e nas *Epistulae*², sem lhe regatear elogios. Em Ravena, formou-se em Direito e brilhou pela sua eloquência, sendo incumbido por Teodorico de importantes missões diplomáticas, como testemunha Cassiodoro³. Ora, após a morte de Teodorico, o *Grande*, em 526, o reino ostrogodo, minado por convulsões internas e sob a ameaça constante de Bizâncio, entra num período de decadência que irá culminar com a conquista total da península itálica por Justiniano, em 555. Arátor, que fora alto funcionário da corte ostrogoda, mudou-se então para Roma, entrando ao serviço da Igreja, e viveu as contingências bélico-políticas e religiosas que marcaram a Itália nos meados do século VI e que se repercutem nas páginas da *Historia apostolica*, concretamente as lutas entre os Godos e os Bizantinos pela posse de Itália, a partir de 535 (destacando-se os cercos de Roma e a sua ocupação por ambas as partes) e o embate teológico entre Roma e Bizâncio, protagonizado pelos sumos pontífices a partir de 536 (ano em

¹ Além de *Historia apostolica*, aparecem também algumas edições intituladas *De Actibus apostolorum* ou *In Apostolorum acta*. McKinlay (1951: VII-VIII) regista dez edições impressas da obra de Arátor que oscilam entre estes três títulos.

² Vd. Enódio, *Dictiones* 9 e 12; e *Epistulae* 8. 4; 8. 11; e 9. 1.

³ Vd. Cassiodoro, *Variae* 8. 12. Ao referir-se ao talento retórico de Arátor, comparável ao de Cícero, Cassiodoro identifica a região onde o poeta nasceu: “Mittit et Liguria Tullios suos”.

que Agapito I exonerou o patriarca de Constantinopla, o monofisita Antimo) e pelo imperador Justiniano. Esse embate culminaria na célebre polémica da condenação dos Três Capítulos, que Bizâncio procurou impor a Roma. Uma figura participa nestas duas contendas, o papa Vigílio (537-555), a quem Arátor, na epístola-dedicatória que antecede a *Historia apostolica*, tece rasgados elogios pela protecção prestada aos Romanos, então cercados pelos Godos. Além de lhe dedicar o poema, o próprio autor recitou, no dia 6 de Abril do ano 544, a Vigílio e à restante corte pontifícia, essa epopeia bíblica de dois mil trezentos e vinte e seis versos, na Basílica de S. Pedro ad Vincula. Foi tão grande o sucesso que imediatamente solicitaram a Arátor quatro récitas públicas do poema, ocorridas entre Abril e Maio desse ano⁴. É aqui que terminam as notícias acerca do poeta de quem, depois de 544, nada sabemos. No entanto, os seus últimos anos de vida terão estado ligados a um período histórico conturbadíssimo, em que a *Historia apostolica* também terá desempenhado um papel de relevo.

Numa relação imediata com o contexto histórico, diremos que, por um lado, o poema de Arátor reforça o prestígio, a autoridade e o primado do sumo pontífice sobre toda a Igreja, parecendo haver uma clara oposição face às pretensões de Constantinopla, que, por aqueles tempos, procurava impor determinadas orientações em matéria de fé. Vigílio aparece reforçado como o legítimo sucessor de Pedro, o herói do primeiro livro da epopeia, cuja exaltação é constante e reaparece a cada milagre que executa. Aliás, o poder do apóstolo é deveras hiperbolizado no último verso do primeiro livro (v. 1076): *Claudit iter bellis qui portam pandit in astris*, isto é, ‘o que abre a porta nos Céus fecha o caminho às guerras’. Trata-se, sem dúvida, de um verso que pode remeter para as guerras do tempo da *Historia apostolica* e para o papel decisivo que nelas poderia ter o sucessor de Pedro, Vigílio⁵. Por outro lado, há no poema uma clara defesa dos valores romanos,

⁴ Estas notícias sobre Arátor, as últimas que conhecemos acerca da sua vida, aparecem no prefácio de um manuscrito (*Vatican., Pal. Lat. 1716 [SX], fl. 1*). O documento é registado por McKinlay (1951: XXVIII) na sua edição da *Historia apostolica*, e quase todos os estudiosos de Arátor o consideram um documento essencial da biografia aratoriana. Destacamos o minucioso comentário que sobre ele produziu Châtillon (1963: 70-128).

⁵ Sobre a projecção da figura de Pedro na figura do papa remetemos para o extenso estudo de Deproost, intitulado *L'apôtre Pierre dans une épopée du VI^e siècle*, nomeadamente para o capítulo 2, “La doctrine: de Pierre à la papauté”, p. 101-217.

isto é, cristãos, face a uma outra cultura, hostil a esses valores⁶. Mais ainda: num contexto de afirmação da autoridade papal, tornava-se quase natural o apertar de fileiras em torno da ortodoxia católica, o que arrastava a condenação mais veemente ou mesmo a perseguição de todos os outros credos religiosos. A afirmação da fé trinitária face ao Arianismo, que negava a divindade de Cristo (não consubstancial ao Pai), só podia ter como alvo os próprios Ostrogodos, arianos. E se, durante o reinado de Teodorico, *o Grande*, as relações entre Arianos e Católicos foram mais ou menos pacíficas, o eclidir da guerra e os ataques a Roma reacenderam certamente velhas hostilidades em matéria dogmática. Hostilidades veladas no poema, porque os Godos poderiam recuperar o domínio de Roma, e “os senhores de ontem estariam, porventura, lá de novo amanhã”⁷. O ataque contra a fé ariana é patente na insistência do poeta em expressões que relevam a fé na Trindade – *trina fides* (HA 1. 114 e 857), *trina potestas* (HA 1. 205; 2. 587), *confessio trina* (HA 1. 875), *ordine trino* (HA 1. 922), *nomine trino* (HA 2. 614), *dogmate trino* (HA 2. 824) –, bem como no simbolismo dos números em torno do três, símbolo do Deus trino.

A epopeia de Arátor está dividida em dois livros: o primeiro relata os feitos de S. Pedro; o segundo é dedicado a S. Paulo, aproveitando o autor para juntar nos versos finais os dois apóstolos, ao relatar a sua irmandade através do martírio. Três cartas acompanham a obra e nelas se dá a conhecer, na primeira pessoa, o autor e as motivações do seu trabalho: a primeira é a já mencionada carta-dedicatória ao papa Vigílio; a segunda é dirigida ao abade Floriano, o revisor da sua obra, a quem pede uma espécie de *nihil obstat*; e a terceira é endereçada a Parténio, um amigo que o terá incentivado a dedicar os seus versos à causa cristã. As epístolas estão escritas em dístico elegíaco, ao passo que a *Historia apostolica* usa o metro característico da epopeia, o hexâmetro dactílico.

Descrita pelo próprio autor, na carta ao papa Vigílio, como uma versão dos *Actos dos apóstolos* em verso, a *Historia apostolica* segue o texto

⁶ Embora Teodorico, Amalasunta (regente durante a menoridade de Atalarico) e Teodato manifestassem clara predilecção pela cultura clássica, a morte deste último, em 536, marcou o fim desta tendência nos príncipes godos, já que os monarcas que se lhes seguiram se mostraram hostis à cultura romana, nomeadamente Totila (541-552), que, segundo Pierre Riché (1995: 55), tentou instaurar em Itália a língua gótica e pensou mesmo em destruir Roma, quando a tomou em 546, tal era o seu ódio à cultura romana.

⁷ Vd. Châtillon 1963: 21. Tradução nossa.

lucano, mas filtrando-o pelo crivo épico. A omissão de certas ações e de determinadas personagens bíblicas, a ampliação de alguns episódios ou o acrescento de outros são apenas alguns aspectos que distanciam esta obra do seu modelo. Por exemplo, logo na abertura da *Historia apostolica*, os primeiros vinte versos tratam matéria que Lucas não incluiu na sua obra: a descida de Cristo aos Infernos e a sua ressurreição. Arátor, na referida missiva, manifesta claramente a forma como pretende executar a tarefa de versificar o livro bíblico dos *Actos*:

Versibus ergo canam quos Lucas rettulit Actus,
historiamque sequens carmina uera loquar.
Alternis reserabo modis, quod littera pandit
et res si qua mihi mystica corde datur.⁸

Os *Actos*, que Lucas narrou, eu mesmo em verso os cantarei,
e, seguindo a história, entoarei um canto verdadeiro.
Alternadamente, irei divulgando o que a palavra revela
e o seu sentido místico, se algum o coração me conceder.

Não se trata, pois, de uma simples tradução versificada dos *Actos*. Nesta declaração de princípios, Arátor pretende cantar em verso os feitos apostólicos narrados por Lucas, podendo a veracidade do seu canto ser atestada pela fidelidade à história lucana (*historiam sequens*). Que árido, porém, seria o poema se ele se cingisse apenas ao sentido literal! De modo algum... Arátor pretende explorar o significado literal (*quod littera pandit*) da história, mas também o seu sentido místico (*res mystica*), ou seja, aquilo que há de oculto, de simbólico e de alegórico nas palavras e nos episódios relatados. A sua *Historia apostolica* é, pois, construída numa dupla articulação (*alternis modis*). Ora, a *mystica res*, ou seja, os sentidos místicos do texto, Arátor explorá-los-á, afirma, “se algum o coração lhe conceder”. E bastará folhear poucas páginas da obra para se verificar como a exegese mística é recorrente: as personagens e as ações vão-se sucedendo, e Arátor não deixa escapar uma oportunidade para explorar a sua simbologia, discorrendo livremente sobre o seu significado mais profundo e fugindo, nessas divagações, ao

⁸ Vd. Arator, *Epistula ad Vigilium*, vv. 19-22. Os passos aratorianos que apresentamos seguem a edição de Arthur P. McKinlay, do *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, publicada em 1951; a tradução é da nossa autoria.

original. Por exemplo, e cingindo-nos ao segundo livro, são claras divagações relativamente ao texto lucano matérias como a predestinação divina, focada na secção 6 (vv. 307-382), ou a questão do baptismo, centralmente focada na secção 10 (vv. 569-622), onde Arátor ataca ferozmente a seita donatista, que fazia depender a repetibilidade do baptismo da probidade do ministrante.

Integralmente dedicado à gesta de S. Paulo, o segundo livro da *Historia apostolica* apresenta-se dividido em dezanove partes ou secções que, embora não uniformes, são constituídas por cerca de sessenta versos cada⁹. O seu conteúdo fundamenta-se nas informações dos *Actos dos Apóstolos*, desde o capítulo 13 até ao final do livro bíblico, a que devemos acrescentar os frequentes comentários do narrador, que, nalgumas secções, ocupam a maior parte do texto, como é o caso da supracitada secção décima, onde a matéria bíblica é condensada nos primeiros oito versos (vv. 569-576), e os comentários ocupam os restantes quarenta e seis (vv. 577-622).

No segundo livro, Arátor faz uso de diversos processos que se conjugam na exaltação da figura de Paulo. Assim, salientamos desde logo o relevo dado ao protagonista, cujo tratamento difere bastante do que encontramos no texto de Lucas. A figura de S. Paulo ofusca as restantes, a começar pelos companheiros mais próximos: Barnabé nunca aparece referido, e Silas aparece uma única vez, no verso 405. Não interessa focar acções e personagens que, de algum modo, possam retirar os méritos a Paulo, o herói que, sozinho, enfrenta e vence as diversas provas a que é exposto. Tratando-se de uma epopeia bíblica, o esforço em fazer sobressair a heroicidade de figuras cristãs que pudessem competir com o Aquiles homérico ou o Eneias virgiliano está subjacente à construção de Paulo. De facto, como salienta Schrader, “a história tal como foi contada por Arátor era uma entre muitas alternativas cristãs ao heroísmo helénico. [...] Os heróis eram agora diferentes, no entanto, a maneira de os poetas os apresentarem devia ainda muito ao estilo antigo”¹⁰. E uma das diferenças fundamentais consiste no carácter estático do herói

⁹ Diz Fontaine que esta será, porventura, a primeira surpresa para o leitor ao folhear a *Historia apostolica*. Tratando-se de um sinal dos tempos, a saber, o fim da tendência helenística para a preferência pelos “grandes livros”, o facto é que “cette épopée ne se présente plus exactement comme telle: elle est déjà un recueil de petits poèmes suivis” (Fontaine 1981: 262). Note-se, no entanto, que a opção de Arátor é consciente, pois, na missiva a Floriano, o poeta solicita-lhe que leia estas peças “mais breves, embora ele [Floriano] tenha livros grandíloquos e obras vastíssimas” (*Epistula ad Florianum*, vv. 9-10).

¹⁰ Vd. Schrader 1977: 77. Tradução nossa.

cristão, triunfal e sem falhas do início ao fim, pois interessava menos o relato de acções humanas, naturalmente sujeitas ao erro e à contradição, e mais a defesa de valores religiosos¹¹. Neste sentido, episódios como a desavença entre Paulo e Barnabé (*Act.* 15. 35-41) são simplesmente omitidos. O próprio Arátor tem consciência das elipses narrativas e da escolha que se vê forçado a fazer na matéria bíblica, como podemos constatar nos versos seguintes, em que justifica a omissão dos acontecimentos relatados por Lucas pela urgência em fazer chegar o herói a Roma, onde se situaria o clímax da sua gesta:

Linquimus hic, nimium ne gaudia nostra morentur
 – Ad Latium iam, Paule, ueni! – certamina crebro
 quae fuerint agitata foro quantique legantur
 Iudaici fluxisse doli (...). (HA 2. 1051-1054)

Preterimos aqui muitos factos para não demorem nossas alegrias
 – Vem agora, Paulo, para o Lácio! –, mas leiam-se ainda
 as intrigas que foram agitadas no amontoado fórum e as enormes
 artimanhas dos judeus (...).

A dívida desta epopeia para com a clássica reflecte-se ainda ao nível do vocabulário, como o uso dos qualificativos clássicos *Olympus* (HA 2. 289 e 1117) e *Auernus* ou *Tartara* (HA 2. 122, 481, 611 e 790) para designar, respectivamente, o Céu e o Inferno, e é também patente na similitude de alguns episódios, imitados da *Farsália*, de Lucano, da *Eneida*, de Virgílio, ou da *Argonáutica*, de Valério Flaco. Por exemplo, a personificação de Roma torreada, nos versos finais da *Historia apostolica* (2. 1226), é feita à semelhança de Virgílio (*Aen.* 6. 781-787) e de Lucano (1. 185 e sgs.). De forma ainda mais evidente, o episódio da tempestade na secção 17 (vv. 1067-1155) tem por modelo o canto 3 da *Eneida*, como se pode constatar nos versos que a seguir cotejamos:

Tollimur in caelum curuato gurgite, et idem
 subducta ad manis imos desedimus unda.
 Ter scopuli clamorem inter caua saxa dedere,
 ter spumam elisam et rorantia uidimus astra. (*Aen.* 3. 564-566)¹²

¹¹ Cf. Deproost 1990: 309.

¹² O texto latino segue a edição das Belles Lettres. A tradução é da nossa autoria.

Ao céu nos erguemos na crista de uma onda,
 e até aos profundos Manes descemos no refluxo da vaga.
 Três vezes, entre os côncavos rochedos, os escolhos bradaram,
 três vezes vimos a espuma projectada e os astros aspergidos.

(...) furit undique pontus
 attollensque suas irato gurgite moles
 denegat abreptae uestigia certa carinae,
 quae suspensa polis deiectaque iungitur aruis
 terrarum caelique sequax. (...) (HA 2. 1073-1077)

(...) por todo o lado o mar se enfurece
 e, levantando a sua massa do abismo irado,
 nega uma rota segura ao navio em apuros,
 que, elevado até aos céus e daí precipitado, se une ao mar,
 seguidor da terra e do céu. (...)

Estas intertextualidades reforçam, indirectamente, a heroicização de Paulo, pela associação ao estilo e à temática épica mais estritamente clássica. De qualquer forma, tais paralelismos explicam-se também pelo facto de, no século VI, a escola manter ainda uma educação clássica, baseada nos modelos antigos¹³. Arátor, sobretudo em Milão, usufruiu desse ensino que, durante a Alta Idade Média, prolongou, em parte, a escola imperial romana¹⁴. Por outro lado, num século ainda próximo do estabelecimento oficial do Cristianismo, havia uma natural apetência entre os círculos cristãos mais cultos para uma literatura que, por um lado, fizesse apelo aos novos valores da fé cristã, e, por outro, ecoasse as páginas eruditas dos mais famosos vates pagãos. Com efeito, diz Arátor no início da secção 13 que a Tróia homérica deve sentir agora o seu nome muito mais enobrecido pela pregação verdadeira desse herói cristão que foi Paulo de Tarso:

¹³ Arátor não imita apenas os épicos, mas também grandes poetas líricos da Antiguidade, como Ovídio. Châtillon (1963: 35-40) assinala a imitação a vários níveis que Arátor faz, na carta a Vigílio, da elegia dedicada a Augusto, que compõe o segundo canto dos *Tristia* ovidianos.

¹⁴ Curtius (1996: 49-98) defende que houve uma forte assimilação da cultura romana nos séculos que se seguiram ao colapso do Império Romano e apresenta como prova os *curricula* de vários mestres famosos.

Tu quoque signa ferens titulos in carmine nostro,
Troia, repone tuos et laudibus adde triumphos,
qui magis ex uero fulgent tibi clarius actu
quam quae pomposo reboant tua bella cothurno. (HA 2. 753-756)

E tu, Tróia, agarrando os sinais, repõe teus títulos
no nosso poema e junta aos teus louvores os triunfos
que, por serem verdadeiros, te conferem muito mais brilho
do que aquilo que as tuas guerras ecoam na pomposa poesia trágica.

Um outro processo ao serviço da heroicização de Paulo consiste no amplo destaque dado aos seus discursos. Senão vejamos: apenas S. Paulo tem direito a vários e extensos discursos directos, pois, se excluirmos as palavras de Pedro (vv. 262-273) e a intervenção de Demétrio (vv. 693-710), os restantes discursos directos nunca ocupam mais de um ou dois versos. Tal destaque pode ser comprovado pelo discurso do Apóstolo na sinagoga de Antioquia, que ocupa a maior parte da segunda e terceira secções (vv. 43-81 e 98-137), pela sua pregação no Areópago de Atenas (secção 8, vv. 455-481) ou ainda pela despedida dos anciãos de Mileto (secção 14, vv. 831-879). Referência especial merecem-nos as palavras do Apóstolo que, na já citada secção 17, acalmam os marinheiros e põem cobro à fúria da procela. Transcrevemos apenas alguns versos da passagem em causa:

«Credite, uera forent nec spe frustrabor inani
qui merui promissa Dei, concessaque nobis
insula portus erit, cuius statione licebit
arrepta tellure frui nauisque solutae
prospectare grauem nullo discrimine casum.»
His dictis ruit ira maris, sublataque dudum
lux reuocata micat (...). (HA 2. 1119-1125)

«Tomai por certas estas coisas, e não serei enganado eu, merecedor
das promessas de Deus, por uma esperança vã; surgirá uma ilha, a nós
concedida como porto, em cujo ancoradouro nos será permitido
usufruir da terra alcançada e verificar os graves danos
do navio despedaçado, sem temer perigo algum.»
A estas palavras desmorona-se a ira do mar e, há longo tempo subtraída,
brilha a luz restaurada (...).

É certo que tais palavras têm por base o texto lucano (*Act. 27. 21-26*), mas a miraculosa acalmia da tempestade às palavras do Apóstolo, assim como a postura épica de Paulo são acrescentos de Arátor. E, embora seguindo o livro bíblico, a atitude de Paulo faz também lembrar a coragem (*uirtus*) de um Eneias que, no meio da tempestade e perante a iminência da morte, é o único capaz de fazer ouvir a sua voz¹⁵.

Outro aspecto a salientar é o papel atribuído a Paulo na demarcação do Cristianismo face ao Judaísmo. Na verdade, depara-se-nos um Paulo extremamente duro e intolerante para com os Judeus, sem paralelo na narrativa bíblica, como se pode verificar nos versos abaixo transcritos:

(...) *Quid adhuc libet esse nocentes?*

De tenebris lucete meis cui fontis ab undis
est uisum largita fides et mortis imago
uiuere coepit aquis. Heu! Numquam saxea tellus
seminibus fecunda suis, uacuique laboris
qui sterilem patiuntur humum. (...) (HA 2. 945-950)

(...) Porque vos comprazeis ainda na culpa?

Brilha a partir das minhas trevas, pois a fé deu-me em abundância
a visão a partir das águas da fonte, e a imagem da morte
começou a viver nessas águas. Ai de mim! Nunca a terra rochosa
será fértil com suas sementes, e fazem inútil trabalho
os que deixam a terra estéril. (...)

Arátor amplifica esse sentimento dos discursos paulinos, carregando ainda mais a componente anti-semita quando se trata de comentar as acções dos judeus contra o Apóstolo (nomeadamente nas secções 15 e 16). Na verdade, o ataque ao Judaísmo começa logo nos primeiros versos do poema, quando o vate se enfurece contra a Judeia, nação manchada com o sangue de um crime hediondo (*Vt sceleris Iudaea sui polluta cruore, / ausa nefas compleuit opus [...]*¹⁶), e, ao longo do segundo livro, não faltam acusações frequentes a um povo que, não aceitando o Messias prometido, é responsabilizado pela sua morte: *semper inanis [et] sterilis Iudaea* (HA 2. 132-133), *Iudaea ferox* (HA 2. 659), *Iudaicosque furores* (HA 2. 834), *Iudaea*

¹⁵ Cf. *Aen.* 1. 94-101.

¹⁶ Vd. Arátor, HA 1. 1-2.

sterilis arbor (HA 2. 909), *Iudaea nocens* (HA 2. 958), *Iudaici doli* (HA 2. 1054), entre outras. Se é certo que o anti-semitismo da Igreja se estendeu por longos séculos, também é verdade que os Judeus na Roma do século VI não passavam de uma minoria inofensiva. Embora Châtillon (1963: 21-22) veja neles um bode expiatório para Arátor se insurgir uma vez mais contra os hereges arianos, pois ambos negavam a divindade de Cristo, todavia, parece-nos que, mais importante do que esse paralelismo histórico, é o objectivo implícito do vate cristão em demarcar o Cristianismo do Judaísmo, deixando de se confundir com uma seita proveniente da lei mosaica e alçando-o ao estatuto de religião, nova e universal. E é também neste sentido que Arátor recorre constantemente à tipologia bíblica, isto é, à correspondência simbólica entre o Antigo e o Novo Testamento (o *typos* e o *antitypos*), à maneira de Santo Agostinho, que afirmava: *Testamentum enim uetus uelatio est noui testamentum, et testamentum nouum reuelatio est ueteris testamenti*, ou seja, ‘o Antigo Testamento é a “velação” do Novo, e o Novo é a revelação do Antigo’ (*Serm.* 300. 5). Por exemplo, na secção 3, Arátor explora em moldes tipológicos o episódio veterotestamentário da rivalidade entre Esaú e Jacob e dos direitos de primogenia ganhos por este, de forma a salientar a superioridade do Cristianismo sobre o Judaísmo, ainda que aquele fosse mais recente:

Conuenior ratione loci pro munere tanto
 historiae pulsare fidem, quae prodidit olim
 cum populos gentesque duas in uentre Rebecca
 ferret et angustis includeret agmina muris
 consuleretque rogans oranti corde Tonantem,
 responsum meruisse Dei: “Prior” inquit “in istis
 inferior breuiorque manet, maiorque minori
 seruiet, et iuuenis palmae potietur honore.”
 Quicquid in hoc utero fecunda puerpera gessit,
 ecclesiae conceptus habet, formamque sequentem
 gentilis concursus agit, qui crescit in aluo
 in qua victor erat (...). (HA 2. 141-152)

Perante tamanho dom, acho conveniente, pelo interesse do passo, extrair a verdade daquela história, que afirma que um dia, quando Rebeca dois povos e duas nações carregava no seu ventre, e naqueles apertados muros multidões encerrava, consultando o Tonante e pedindo-lhe com o coração suplicante,

mereceu de Deus a resposta: “Entre eles”, disse, “o primeiro permanecerá como inferior e súbdito, e o mais velho servirá o mais novo, e o mais jovem obterá a glória da palma.”
Tudo quanto a fértil parturiente carregou em seu ventre existe no seio da Igreja, e representa a segunda figura afluência dos gentios, que crescem num ventre onde eram já vencedores (...).

São constantes as aproximações entre episódios e figuras do Velho e do Novo Testamento. Há, no entanto, um outro paralelismo que, embora não claramente assumido, contribui decisivamente para a heroicização do apóstolo dos gentios. De facto, um herói cristão será tanto maior quanto mais imitar a Cristo. Por exemplo, o poder de ressuscitar os mortos é um feito crístico que poucos santos puderam imitar. Mas entre eles está S. Paulo. E a calma e segurança com que o Apóstolo ressuscita o jovem Êutico, na secção 13, lembram episódios evangélicos como a ressurreição da filha de Jairo (*Mc.* 5. 21-43) ou a de Lázaro (*Io.* 11. 1-44):

(...) cui Paulus adhaerens
pectore “Viuit!” ait; quam uocem uita secuta est,
morsque repulsa fugit. Quantum tua, Christe, potestas
in famulis operata facit! (...) (*HA* 2. 784-787)

(...) Paulo, cingindo-o
contra o peito, diz: “Está vivo!” A vida acompanhou essas palavras,
e a morte, repelida, pôs-se em fuga. Que altos feitos, ó Cristo, o teu poder
a trabalhar nos teus servos consegue! (...)

Por outro lado, Paulo enfrenta os duros castigos a que os judeus o sujeitam com uma coragem e determinação que lembram passos da paixão de Cristo. Até a atitude dos governadores romanos Félix e Festo nos trazem à memória a inação e a cobardia de Pilatos. Antes, porém, dos castigos a que é sujeito em Jerusalém (secções 15 e 16), Paulo despede-se dos anciãos da Ásia com um discurso firme e comovente que ecoa a despedida de Cristo na Última Ceia:

Vado uidere crucis uenerandam gentibus urbem,
 quo me iussa uocant; uarii luctamen agonis
 hic dabitur certare mihi, nam cuncta subibit
 qui cursum complere uolet; mitissima sors est
 poenarum quas uota gerunt, regnique facultas
 perpetuo pro rege pati. (...) (HA 2. 845-850)

Vou ver a cidade da cruz, venerável para as nações,
 aonde as ordens me chamam; aí me será dado enfrentar
 a luta de um combate diferente, pois tudo suportará
 quem desejar concluir a corrida; dulcíssimo é o quinhão
 dos castigos que a vontade almeja, e poder real
 é sofrer pelo rei perpétuo. (...)

É certo que estes episódios aparecem já nos *Actos* de Lucas, mas o facto de Arátor os não ter omitido e lhes ter dado um amplo destaque parece ser propositado. Aliás, o vate diz claramente os motivos por que o Apóstolo não foi martirizado em Jerusalém, afastando-se neste ponto das pisadas de Cristo. As razões não são o medo da morte ou a esperança de salvação física (HA 2. 1058-1066), mas o pragmatismo de uma mais ampla difusão do Cristianismo, caso o seu maior pregador pudesse espalhar a Boa Nova e iluminar com o exemplo do seu martírio a cidade de Roma, capital do mundo, tal como Arátor resume na parte final do poema:

Gentibus electus Paulus sine fine magister
 aequius huic praesens oris diffundit habenas
 quae gentes praelata monet; quodque intonat istic
 urbis cogit honor, subiectus ut audiat orbis.
 Dignaque materies Petri Paulique coronae
 Caesareas superare minas et in arce tyranni
 pandere iura poli summumque in agone tribunal
 uincere, ne titulos paruus contingeret hostis. (HA 2. 1229-1236)

Aí presente com toda a justiça, Paulo, eleito como eterno
 mestre dos gentios, solta as rédeas da palavra para esta [cidade],
 que, tendo sido a escolhida, ensina os povos; tudo quanto aí proclame,
 a glória da cidade obriga o mundo subjugado a ouvi-lo.
 E é matéria digna da coroa de Pedro e de Paulo

superar as ameaças de César, revelar as leis do Céu
na cidadela do tirano e vencer na contenda o mais alto tribunal,
não fosse um inimigo insignificante arrecadar os louros.

É deveras interessante este epílogo da epopeia, pois, sendo o segundo livro da *Historia apostolica* integralmente dedicado a Paulo, os últimos trinta e um versos (HA 2. 1219-1250) vêm fazer a junção das duas partes da obra. Neles, o poeta medita acerca do glorioso martírio que uniu os dois principais apóstolos, ao terem escolhido um único e mesmo lugar para juntarem os seus destinos: *delegisse locum, per quem sua sidera iungant* (v. 1221). Roma acolhe simultaneamente Pedro, o príncipe da Igreja (*Petrus in ecclesiae surrexit corpore princeps*, v. 1225), e Paulo, o mestre dos gentios (*Gentibus electus Paulus sine fine magister*, v. 1229), constituindo-se a cidade eterna como a cabeça incontestável de toda a Cristandade:

Altius ordo petit duo lumina dicere mundi
conuenisse simul tantisque e partibus unum
delegisse locum, per quem sua sidera iungant
omnia qui fidei uirtutibus arua serenant. (HA 2. 1219-1222)¹⁷

O relato me obriga a dizer mais longamente porque chegaram
ao mesmo tempo as duas luzes do mundo e, dentre tantos sítios,
escolheram um único lugar, através do qual uniriam as suas estrelas
os que serenam todos os campos com as virtudes da fé.

E acrescenta o poeta, recorrendo uma vez mais à tipologia bíblica, que, tal como os Israelitas saíram vencedores face ao Egípto ao serem guiados pela mão de dois irmãos, Moisés e Aarão, assim também os dois irmãos no martírio, Pedro e Paulo, livraram Roma da idolatria e granjearam para a cidade a primazia sobre todo o mundo (v. 1237-1250).

Arátor foi presença relevante no ensino medieval, formando com Juvenco, Prudêncio e Sedúlio a “nova quadriga das epopeias bíblicas”¹⁸, e

¹⁷ A propósito destes versos, Fontaine (1981: 263) escreve o seguinte: “Rencontre et récurrence singulières: ces derniers vers de l'épopée chrétienne antique répondent à l'inspiration et à l'image des plus anciens vers de Virgile qu'une *Bucolique* [9, 47 et sq.] nous a conservés: ils célébraient l'ascendant bienfaisant de l'astre de César sur la fécondité de la terre”.

¹⁸ Vd. Fontaine 1981: 287.

o seu poema foi amplamente difundido durante a Idade Média (McKinlay contabiliza quase centena e meia de códices manuscritos), nas diversas partes da Europa¹⁹. Tendo em consideração a profunda religiosidade do texto aratoriano, de que aqui apenas demos conta de um aspecto – o da exaltação da gesta paulina –, compreende-se facilmente tal êxito. Todavia, a análise dos manuscritos mostrou a McKinlay também um outro facto de grande relevo: a associação do poeta a outros autores das mais diversas áreas. Ora, tal facto prova que o texto ultrapassava o interesse religioso óbvio e era importante em domínios como a Filosofia, a Geografia, a História, entre outros²⁰; ou seja, a obra de Arátor tinha, de facto, uma dimensão universalizante, épica. Talvez isso tenha atraído, quase mil anos após a apresentação da *Historia apostolica*, as atenções do grande humanista português Aires Barbosa, que dedicou, em 1516, o primeiro e, tanto quanto julgamos, o mais completo estudo ao poema, comentando minuciosamente os quase dois milhares e meio de versos, no âmbito da sua actividade lectiva na Universidade de Salamanca²¹. E apesar do interesse que modernamente a *Historia apostolica* tem suscitado a autores estrangeiros, como Arthur Patch Mckinlay, Augustin Deproost ou Richard Hillier, apenas o humanista aveirense, da parte dos eruditos portugueses, figura entre os que se dedicaram à epopéia do vate cristão Arátor²².

¹⁹ Cf. McKinlay 1942: 118: “By way of résumé we note that are some thirty-one places including forty-four manuscripts of Arator which can be identified with some certainty as their sources of provenience. These localities are distributed over seven countries: Great Britain (England) with four; France with thirteen; Belgium, Luxembourg, Bohemia with one each; Italy with one, possibly two; and Germany with nine”.

²⁰ Cf. McKinlay 1942: 104: “If the student will run his eyes over the codices of this volume, he will get some idea of what part Arator played in the intellectual and emotional apparatus of the Middle Ages. [...] He will find him associated a bit of science here and there, with the liberal arts including such studies as history, geography, and philosophy”.

²¹ Embora tivesse sido editado em 1516, o comentário barbosiano tem por base as lições proferidas pelo mestre português três anos antes, conforme se pode ler no início do prefácio ao primeiro livro (fol. ii, l. 1-3).

²² O comentário de Aires Barbosa referente ao segundo livro da *Historia apostolica* foi recentemente traduzido e estudado, no âmbito da nossa tese de Doutoramento.

Bibliografia

- BARBOSA, Aires (1516), *Aratoris cardinalis “Historia apostolica” cum commentariis Arii Barbosae Lusitani*. Salmanticae: in aedibus Ioannis de Porris.
- CHÂTILLON, François (1963), “Arator déclamateur antijuif”, *Révue du Moyen Âge Latin* 19: 70-128.
- CURTIUS, Ernst R. (1996), *Literatura européia da Idade Média latina*. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Ed. Hucitec.
- DEPROOST, Paul-Augustin (1990), *L’apôtre Pierre dans une épopée du VI^e siècle. L’“Historia apostolica” d’Arator*. Paris: Institut d’Études Augustiniennes.
- FONTAINE, Jacques (1981), *Naissance de la poésie dans l’occident chrétien. Esquisse d’une histoire de la poésie chrétienne du III^e au VI^e siècle*. Paris: Institut d’Études Augustiniennes.
- HILLIER, Richard (1993), *Arator On the Acts of the apostles: a baptismal commentary*. Oxford: Clarendon Press.
- MANSO, José Henrique R. (2009), *Comentário de Aires Barbosa ao segundo livro da “Historia apostolica” de Arátor: estudo filológico, fixação do texto, tradução e notas*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade da Beira Interior.
- MCKINLAY, Arthur Patch (1942), *Arator. The codices*. Cambridge (Massachusetts): The Mediaeval Academy of America.
- MCKINLAY, Arthur Patch (1951), *Aratoris subdiaconi De Actibus apostolorum*. Vindobonae: Hoelder Pichler Tempsky.
- RICHÉ, Pierre (1995), *Éducation et culture dans l’occident barbare: VI^e-VIII^e siècle*. Paris: Seuil.
- SCHRADER, Richard J. (1977), “Arator: revaluation”, *Classical Folia* 31: 64-77.
- VIRGÍLIO (2002), *Énéide*. Texte établi et traduit par J. Perret. Paris: Les Belles Lettres.